



AO ALCANCE DA CIDADANIA COMUNICATIVA: REDE SOCIAL FACEBOOK ASUGOV GV

***REACHING COMMUNICATIVE
CITIZENSHIP: SOCIAL
NETWORK FACEBOOK
ASUGOV GV***

SONIA MARIA QUEIROZ DE OLIVEIRA
JIANI ADRIANA BONIN

RESUMO

Neste mundo existente, seja entre surdos (com as dificuldades de ouvir) e/ou ouvintes (com e/ou nenhuma dificuldade de ouvir), a comunicação, sendo uma realidade necessária para a existência humana, se faz presente na vida de todos. Redes Sociais são formas de estruturação socio-comunicacional compostas por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, compartilhando interesses em comum e construindo outros. Sob a perspectiva de constituição da cidadania comunicativa, o estudo indica que os usos e apropriações na rede social Facebook realizados pelos sujeitos comunicantes surdos podem ser considerados construtores da cidadania comunicativa. Nesse sentido, apresenta como objetivo investigar os usos e apropriações que sujeitos comunicantes surdos, membros da Associação de Surdos de Governador Valadares/MG – Asugov – realizam no Facebook, a partir da página dessa associação, na perspectiva de constituição de cidadania comunicativa. Problemática que trouxe ao nosso encontro a estratégia transmetodológica.

Palavras-chave: Cidadania comunicativa. Sujeito Comunicante Surdo. Facebook. Transmetodologia.

ABSTRACT

In this existing world, whether among deaf people (with hearing difficulties) and / or listeners (with and / or no hearing difficulties), communication, being a necessary reality for human existence, is present in everyone's life. Social networks are forms of socio-communicational structuring composed of people or organizations, connected by one or more types of relationships, sharing common interests and building others. From the perspective of constituting communicative citizenship, the study indicates that the uses and appropriations on the Facebook social network carried out by deaf communicating subjects can be considered as constructors of communicative citizenship. In this sense, it aims to investigate the uses and appropriations that deaf communicating subjects, members of the Deaf Association of Governador Valadares / MG - Asugov who perform on Facebook, from the page of this association, in the perspective of constituting communicative citizenship. Problem that brought the transmetodological strategy to our meeting.

Key-words: Communicative citizenship. Deaf Communicating Subject. Facebook. Transmetodology.

SONIA MARIA QUEIROZ DE OLIVEIRA

Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus GV (UFJF-GV). E-mail: oqms@hotmail.com; soniaqueiroz@ufjf.edu.br

JIANI ADRIANA BONIN

Profa. Dr^a. do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: jianiab@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

É sabido que maiorias populacionais podem ser opressoras perante as minorias, atualmente compreendidas não em termos quantitativos, mas como todo grupo humano em situação de desvantagem social, cultural, econômica, política ou jurídica “[...] cujos direitos são vulnerados apenas por possuírem algumas características diferentes das do grupo dominante da sociedade” e, portanto, socialmente excluído (LOPES, 2006, p. 55). Foi nessa nova forma de percepção que a afirmação da cidadania, proclamada desde a Revolução Francesa de 1789, fez emergir a ideia do respeito às minorias, suas necessidades e peculiaridades (CORTINA, 2005). Ideia esta que deflagrou um processo de mutação no olhar sobre as minorias, historicamente tidas como grupos de pessoas inferiores e, por isso, objeto de preconceito e discriminação, das “artimanhas da exclusão” (SAWAIA, 2001).

Dentre os grupos minoritários do qual fazem parte, entre outros, mulheres, idosos, negros, povos indígenas e ciganos,

encontra-se o grupo formado por pessoas com deficiência auditiva. De acordo com o Decreto Nº 5.626, de janeiro de 2005, em seu artigo 2º, parágrafo único, considera-se pessoa surda àquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (BRASIL, 2005). Destarte, nominamos sujeito comunicante em sendo a pessoa surda que compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais manifestando sua cultura. Sujeito este pertencente à Associação dos Surdos de Governador Valadares (ASUGOV) e integrante do Facebook Asugov GV.

Hodiernamente, a população brasileira ultrapassa 211 milhões de pessoas (IBGE, 2019). Levando em consideração os microdados do último censo realizado, 2010, no questionário sobre surdez, quesito 6.15 – *Tem dificuldade de ouvir?* e resposta: - *dificuldade permanente de ouvir*, colhemos os seguintes dados:

ENTIDADES POLÍTICAS	DIFICULDADE PERMANENTE DE OUVIR			
	Sim, não consegue de modo algum	Sim, com grande dificuldade	Sim, alguma dificuldade	Não, nenhuma dificuldade
Governador Valadares	466	2.640	9.976	250.249
	0,18%	1,00%	3,78%	94,90%
Minas Gerais	32.355	199.251	769.738	18.593.337
	0,17%	1,02%	3,93%	94,88%
Brasil	344.205	1.798.961	7.571.149	180.991.877
	0,18%	0,94%	3,97%	94,88%

TABELA 1: Municípios: Micro Governador Valadares – Dificuldade permanente de ouvir – Tabulação cruzada
Fonte: Microdados Censo Demográfico 2010.

Em suas complexidades, a comunicação é inegavelmente relevante para a construção da evolução do ser humano. E, em se tratando de informação e comunicação, as possibilidades tecnológicas surgiram como uma alternativa na era moderna no campo da comunicação. Com o surgimento das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), que inclui um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, vem se configurando um novo alcance para com o comunicar. Nesta realidade tecnológica propulsora de interatividades comunicacionais, surgem as redes sociais, formas de estruturação sociocomunicacional compostas por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, compartilhando interesses em comum e construindo outros; neste sentido nosso olhar se volta para a rede social Facebook. O Facebook é uma plataforma¹ de rede social virtual mais utilizada em todo o mundo por usuários ativos mensais: 2,2 bilhões de usuários desta rede, ao redor do mundo, acessam o Facebook todos os dias.

A Associação dos Surdos de Governador Valadares (Asugov) possui um perfil no Facebook nominado Asugov GV, ambiente digital de referência neste estudo. A proposta do presente estudo interroga como se dá a inter-relação entre os usos e apropriações de um meio tecnológico, especificamente através da rede social Facebook, pensados como processo comunicacional, em suas nuances cul-

turais, processos históricos, políticos e tecnológicos; na perspectiva da cidadania comunicativa por sujeitos comunicantes surdos.

2. METODOLOGIA

Os caminhos trilhados foram norteados pelo desafio de investigar os usos e apropriações que sujeitos comunicantes surdos, membros da Associação de Surdos de Governador Valadares/MG – Asugov, realizam no Facebook, a partir da página dessa associação, na perspectiva de constituição de cidadania comunicativa. Problemática que trouxe ao nosso encontro a estratégia transmetodológica. A transmetodologia procura ir além da tendência de se pensarem epistemicamente as problemáticas da pesquisa, sob as perspectivas hegemônicas europeias e norte-americanas, e marca a necessidade de reconfiguração teórico-metodológica em Comunicação para dar conta das realidades socioculturais existentes (MALDONADO, 2013). Sob o olhar de Maldonado, podemos entender a transmetodologia como:

Uma vertente epistemológica que afirma a necessidade de confluência e confrontações entre vários métodos, realizando processos de atravessamentos lógicos, desconstrução estrutural, reconstruções estratégicas, problematizações redefinidas, em cada empreendimento/projeto de investigação iniciado. Nutre-se de conhecimentos transdisciplinares, na dimensão teórica, e promove estratégias de exploração, experimentação e reformulação metodológicas (MALDONADO, 2013, p. 31).

1-Plataforma: ambiente preexistente. Software projetado para ser executado internamente.

3. DESENVOLVIMENTO

Devido à cultura global emergente, as redes se tornaram um dos principais focos de atenção da sociedade em geral; e, com as TICs, essas se tornam um dos fenômenos sociais mais notáveis da nossa era. Castells observa que em toda sociedade, “construir redes” emergiu como uma nova forma de organização das atividades humanas, cunhando o termo “sociedade em redes” para descrever e analisar essa nova estrutura social (CASTELLS, 2005). Nesse sentido, os autores Duarte, Quant e Souza nos dialogam nessa grande sacada:

Em ciência, o foco nas redes começou nos anos de 1920, quando ecologistas viram os ecossistemas como comunidades de organismos ligados em forma de rede através de relações de alimentação e usaram o conceito de cadeias alimentares para descrever essas comunidades ecológicas. Como o conceito de rede tornou-se cada vez mais proeminente em ecologia, pensadores sistêmicos começaram a usar modelos de redes em todos os níveis dos sistemas, vendo organismos como redes de células, e células como redes de moléculas, assim como ecossistemas são entendidos como redes de organismos individuais (DUARTE; QUANT; SOUZA, 2008, p.18).

A comunicação nos ambientes digitais do Facebook vem sendo, também, uma estrutura organizativa para atividades relacionadas ao ser cidadão. Desta forma, a interação entre sujeitos comunicantes vem sendo alvo de interesses nos diversos campos de investigação, pois o uso dessas tecnologias e suas processualidades, foi e continua sendo, capaz de transformar os participantes nestes

processos. Durante a maior parte da história humana, essas interações foram “face a face”. Na esteira do advento de tecnologias massivas, essas interações comunicacionais não mais se baseiam de forma exclusiva na copresença física dos sujeitos, e sim em um mundo, em movimento, suscetível de ser modificado (MATTELART, 1994). A heterogeneização dessas interações abarca situações comunicacionais as quais, até um tempo atrás, seriam ‘improváveis’ de se imaginar e de se concretizar. Manuel Castells, neste sentido, compartilha:

Comunicação é o compartilhamento de significado por meio de troca de informação. O processo é definido pela tecnologia da comunicação, pelas características dos emissores e receptores da informação, por seus códigos culturais de referência e protocolos de comunicação e pela abrangência do processo significativo. O significado só pode ser compreendido no contexto de relações sociais em que a informação e a comunicação são processadas (CASTELLS, 2015, p.101).

Indico sob este prisma comunicações existentes entre pessoas surdas (e, ou ouvintes²), na rede Facebook Asugov GV. Nesta inquietação ao nosso pensamento se afiguraram diversas questões: o facebook contribui para a interlocução dos participantes, podendo favorecer o rompimento de algumas barreiras tradicionais, como, por exemplo, a de uma transmissão verbal, física entre dois interlocutores, ouvintes e/ou surdos? Entre bilíngues e/ou não bilíngues? A utilização destas plataformas aumentaria a perspectiva inclusiva, ultrapassando o

2-Apesar de os ouvintes não comporem os sujeitos de interesse do estudo, a questão posta pela comunicação na surdez não se limita à interação entre surdos, envolvendo também, de modo relevante, as interações entre surdos e ouvintes.

desconhecimento da cultura surda? Favoreceria a troca de saberes e de práticas entre os sujeitos comunicantes? Fortaleceria esta minoria "Comunicantes Surdos" através da "união dos meus"? Criaria uma identidade compartilhada? Romperia com barreiras da comunicação entre ouvintes e/ou não ouvintes? Criaria redes de suporte e interação que seriam mais fáceis (ou mais difíceis) de ocorrer à distância?

Era instigante pensar admitindo uma comunicação tranquila entre surdos e ouvintes intermediada por um meio digital. As interações sociais elucubradas nesta vasta rede de ambientes virtuais, sem contato físico, ambiente criado no ciberespaço construindo relações sociais sob seus diversos aspectos, disputas por cidadania nos contextos midiáticos, perpassadas por apropriações e usos dos meios, corporificava-se nas instigações. Destarte, as pessoas neste ambiente virtual desenvolvem o que podemos chamar, de forma incipiente, um sistema multicultural de comunicação. A essa possibilidade de desenvolvimento, Claudio nos diz que "O multiculturalismo tem o valor da diversidade humana e social, que atravessa as comunidades e nos possibilita construir uma reflexão ampliada sobre a perspectiva do cidadão surdo comunicante". (CLAUDIO, 2016, p.26).

O multiculturalismo tem como fundamento o questionamento das verdades únicas e absolutas, buscando comba-

ter, sob todos os vieses, a desigualdade. Nesse sentido aponto a exemplificar os movimentos de resistência e de afirmação de Culturas Surdas, representadas no Brasil pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) (FENEIS, 2019).

3.1 OS VELHOS E OS NOVOS CÓDIGOS CONSTRUTORES DA REPRESENTAÇÃO SOBRE A SURDEZ: CAMINHARES HISTÓRICOS DOS SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS.

Pode-se afirmar que os relatos orais e escritos comunicados através dos tempos culturais sobre histórias de corpos perfeitos, ouvintes ou não, retornados pós-guerra e eternizados na imagem corporal em consideração de glórias e honras (heróis de guerra) tenham sido adubo para os movimentos humanismo e racionalismo. Estes, que foram as bases da ciência moderna, possibilitaram o entendimento acerca dos sujeitos surdos, não mais seres castigados pelos deuses ou pelo pecado cristão³ e sim para a percepção de sujeitos com direitos à socialização, à educação, à integral dignidade humana. Ao retroagir nossos olhares para o passado com relação ao Ser Comunicante Surdo, necessário se faz compreender que a história desses percorreu pioneiramente os caminhos educacionais. Nesse sentido consideramos os debates entre o abade francês Charles Michel de L'Epee (1721-1789), defensor do método combinado com a utili-

3-Sobre este assunto apontamos as memórias dos seguintes autores como relevantes e consubstanciadoras dos escritos: Gilissen, 1995; Altavila, 1989; Maciel, 2013; Reis, 1992; Strobel, 2018; Sacks, 2015; Goldfeld, 2002; Skliar, 2016; Luz, 2013, entre outros.

zação de sinais (linguagem mímica, mímica, comunicação gestual, linguagem sinalizada), e o pastor alemão Samuel Heinicke (1721-1790), defensor do método de desenvolvimento da linguagem oral, como as raízes da história educacional dos sujeitos comunicantes surdos, rizoma tensionado pelos momentos históricos da Reforma (defesa do acesso direto aos textos religiosos demandando habilidades de leitura e escrita) e da Contrarreforma (ideário da escola alemã, que defendia o domínio da linguagem oral) (ROCHA, 2009).

Nas chamadas "terras brasilis", o Colégio Nacional Brasileiro para Surdos-Mudos foi criado em meados do século XIX, por iniciativa do surdo francês E. Huet. Em junho de 1855, Huet apresentou ao Imperador D. Pedro II um relatório cujo conteúdo revelava a intenção de fundar uma escola para surdos no Brasil e também informava da sua experiência anterior como diretor de uma instituição para surdos na França, o Instituto dos Surdos-Mudos de Bourges. O governo imperial apoiou a iniciativa de Huet e indicou o Marquês de Abrantes para presidir uma comissão diretora com a finalidade de acompanhar de perto o processo de criação e o cotidiano administrativo da primeira escola para surdos no Brasil (ROCHA, 2009).

Assim, o caminho histórico deste grupo populacional verticalizou-se na educação escolar para crianças surdas, nas primeiras décadas do Século XIX, o que

fez repercutir nos primeiros momentos de organização do estado Imperial os ideários iluministas. Pode-se apontar esse enraizamento nas elites brasileiras, através do diálogo ofertado nos escritos de Solange Rocha: "[...] Igualdade – Os mudos podem falar: são, decerto, iguais a nós; Liberdade – aos surdos não falta à voz; Fraternidade – lidemos, a todo o instante, pelo surdo brasileiro!" (ROCHA, 2009, p. 76).

Em 1880 realizou-se um congresso em Milão, com a presença de inúmeros profissionais ligados aos Institutos especializados, onde por ato diretivo estabeleceu-se que a utilização dos sinais no processo educacional dos surdos deveria ser suprimida, indicando o método oral (palavra articulada, oralização, fala, linguagem articulada, entre outras) como o mais adequado. Vitorioso este método, contando com cento e sessenta votos a favor de sua utilização e apenas quatro contra. Sua metodologia enraizou-se no cenário político e educacional por mais de um século. Entre as discordâncias existentes - método combinado, oral, mímica - os pareceres apresentados neste congresso refletiam uma mudança na mentalidade quanto à educação das pessoas surdas (segunda metade do Século XIX). A ideia da caridade era substituída pela de se formarem cidadãos úteis, capazes de exercer seus direitos e deveres, converter pessoas inúteis em trabalhadores (INES, 2007).

Interessante registrar que três déca-

das após o Congresso de Milão, o Código Civil Brasileiro de 1916 (Lei Nº 3.071 de 01/01/1916), que vigeu até idos de 2002, preceituava sob a égide titular Das Pessoas (Pessoas Naturais), em seu artigo quinto, inciso terceiro, sendo absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil: os surdos-mudos, **que não puderem exprimir a sua vontade (grifo nosso)** (BRASIL, 1916), reclamando desta forma legislações a regulamentar tais dizeres. Com os dizeres “[...] que não puderem exprimir a sua vontade”, pensamos que o sistema legal brasileiro começou a indicar, ao nosso entendimento, um mar de possibilidades. Possibilidades que imbricam para com a questão da aplicabilidade daqueles dizeres; pois mister se faz considerar que a vigência daquele código ocorreu em um século de profundas transformações políticas, culturais, sociais e econômicas.

3.2 ESTRADA A PERCORRER: REDES SOCIAIS E SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS

De forma construtiva, pensamos que a caminhada histórica revolucionária dos sujeitos comunicantes surdos apresenta, em uma constante, dois elementos importantes de se apontar: de um lado a superação ao advento da desconsideração como humanos capazes que os são. De outro, a teorização e exposição do eu como sou, com suas diferenças consubstanciadoras das alteridades. Para uma breve análise, propomos percorrer a constru-

ção desses dois elementos: I- superação da desconsideração e II- exposição das diferenças consubstanciadoras das alteridades, a partir dos basilares pilares iluministas da revolução Francesa (1789): Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Das desconsiderações erigidas ao longo dos tempos ao agravo da igualdade para com o humano diferente; do acentuar das diferenças sociais em torno da liberdade através do pensamento liberal/capitalismo, me ponho a fiar meu olhar para com a fraternidade. Esse é um pilar que ainda reclama mais capital de desenvolvimento sociocultural, pois deixa transparecer que ainda não goza de boa reputação no campo das ideias. Aos dizeres da autora Rocha (2009), o que por certo nos faz começar a dialogar com as questões fraternas: “[...] é uma espécie de filha bastarda do Iluminismo, girando em torno do pensamento religioso e atualmente das redes sociais” (ROCHA, 2009, p. 123). Nesse diapasão, no território virtual das redes sociais, especificamente na Rede Social Facebook Asugov GV, pretende-se visualizar fraternidade nas relações estabelecidas entre os comunicantes na rede⁴, que não mais se enquadram em uma perspectiva meramente individualista, mas na solidariedade horizontal, no interagir entre pessoas (fatos considerados bons ou não), os quais se ligam por um vínculo de subsidiariedade entre os mesmos. A este encontro, existe a defesa da ideia de que o grande desa-

4-A afirmativa condiciona-se à pesquisa empírica, de doutoramento, em realização (CAAE 22539819.7.0000.5344, Parecer CEP/Unisinos 3.637.504).

fio dos Direitos Humanos, no século XXI, no mundo globalizado e virtual, é desvincular o sentido de fraternidade dos laços de sangue para laços mais amplos e tendencialmente universais, em um reconhecimento efetivo das alteridades, das diversidades e da reciprocidade. É a própria Declaração Universal dos Direitos Humanos⁵ de 1948 que diz, em seu artigo I, “que todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”.

3.3 CIDADANIA COMUNICATIVA ARTICULADA ÀS APROPRIAÇÕES DAS MÍDIAS DIGITAIS

Hodiernamente, a noção de cidadania vem sendo (re)construída, ao alcance “dos tempos”, das lutas por reconhecimentos, tendo como mola propulsora os processos de mudanças sociais aos quais o homem se submete e registra em sua história. Uma destas formas de registro se faz na acessibilidade aos usos mediados por um computador, ao direito de comunicação, como sendo condição para o exercício da cidadania. Ruscheinsky, ao abordar metamorfoses da cidadania, nos ensina:

O elemento cidadania permite que a identidade social seja abordada a partir de uma vontade de fazer a história, embora sempre em condições dadas. Se existe manipulação e condicionamentos de um lado, de outro, as relações de poder passam pela ação humana, pela negociação e pelo reconhecimento das diferenças (RUSCHEINSKY, 2000, p. 73).

A autora Maria Cristina da Mata propõe que a noção de cidadania comunicativa pode ser compreendida como “[...] o reconhecimento da capacidade de ser sujeito de direito e demanda no terreno da comunicação [...], bem como ao exercício desse direito” (MATA, 2006, p. 13), trazendo-nos elementos para pensar certas dimensões de cidadania. Ao nos direcionarmos às lógicas midiáticas, parece-nos que se abrem espaços inéditos para a busca do reconhecimento, de ser sujeito de direitos, para o exercício de direitos e para o empoderamento dos sujeitos. Bonin e Saggini (2016) se alinham a este pensamento em perspectivas para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na constituição de cidadania comunicativa, partindo do entendimento das relações sujeitos/mídias “[...] precisam ser situadas no âmbito do processo de mediatização, considerando que a expansão sistêmica das mídias levou à sua penetração, nos diversos campos e nas esferas sociais e à reconfiguração de suas lógicas” (p. 100).

Colaborando nessa linha de pensamento, Fausto Neto (2006) aponta para o entendimento de que os usos e apropriações das tecnologias postas em circulação encontram-se diretamente ligados aos objetivos e características próprias de cada sociedade, pois, essa designa e direciona as possibilidades de uso das tecnologias a partir das incompletudes existentes na própria sociedade. Desta forma o uso social, em suas

apropriações sociais, ganha motivação e destino, racionalidades, lógicas de funcionamento (FAUSTO NETO, 2006).

No construto deste estudo, cidadania comunicativa implica reconhecer que o direito a comunicar não pertence ao meio massivo de comunicação, mas a todos os sujeitos sociais, pois estes exercem a comunicação. Pensamos também que é o exercício de um direito difuso (refere-se aos direitos indivisíveis; àqueles em que não é possível identificar o destinatário desse direito, implicando na satisfação de todos). Vale a pena repisar que o simples uso das mídias não é sinônimo de cidadania comunicativa. Utilizar as mídias a partir de uma assimilação acrítica das lógicas midiáticas não significa exercer a cidadania comunicativa. Certamente estar no espaço midiático e anuir ao discurso excludente e tipificador dos grandes meios não vão contribuir para a construção da cidadania comunicativa. Contribuir é, entre outros aspectos, buscar a visibilidade pública desses sujeitos sociais valendo-se das lógicas midiáticas. E, nesta busca de visibilidade pública, apropriar-se de mídias digitais, galgar direitos, empoderar-se, nos leva a fomentar aos pensamentos em como a cidadania exterioriza-se nas apropriações que os sujeitos comunicantes surdos realizam no ambiente digital.

3.4 ASUGOV E SUA PÁGINA NO FACEBOOK

A história da Associação dos Surdos de Governador Valadares/MG (Asugov)

começa no ano de 1963. Um grupo de pais valadarenses resolveu criar uma escola nominada CEUS (Centro Educacional União e Serviço) com olhar específico para pessoas surdas. Esta escola existiu apenas por dois anos. Por motivos diversos, entre esses falta de estruturas físicas e de pessoal, a escola com seus alunos passou para os cuidados pedagógicos da APAE⁶. Nessa instituição, os surdos de Governador Valadares conviveram por 25 anos com a metodologia educacional de promoção à atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla - contexto educacional diverso ao contexto educacional necessário ao desenvolvimento integral da pessoa pertencente à Cultura Surda.

A refundação da Asugov aconteceu no dia vinte e dois (22) de julho de 1990. A Asugov é uma organização que promove o empreendedorismo social. Propõe-se a responder à questão recorrente sobre o que cada um pode fazer para contribuir em processos de transformação social e para o desenvolvimento sustentável dos surdos. É uma Instituição sem fins lucrativos, de apoio sociocultural e educacional aos surdos e seus familiares.

O Facebook da Asugov, perfil, foi criado em 29 de junho de 2018. Possui aproximadamente 3500 amigos (sujeitos comunicantes surdos e ouvintes), conforme dados disponíveis na capa desta rede. Essa mídia social disponibiliza a seus associados algumas funcionalidades de uso, tais como fazer publicações,

6-APAE – Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais.

curtir páginas, participar de grupos, envio e troca de mensagens, compartilhamentos, comentários, publicar reações em páginas de amigos, usar aplicativos disponíveis na própria rede Facebook, entre outros. Registramos a recorrência do uso de apenas dois recursos no Facebook Asugov GV: Mural e Status. Ao recurso nominado mural, definimos em sendo espaço no perfil Asugov GV o qual permite que os amigos postem mensagens e que esteja visível para qualquer pessoa ver. Ao recurso nominado Status, definimos em sendo o poder de informação do usuário aos amigos, através de postagens de fotos, vídeos, comentários, etc., correspondendo assim a coisas do interesse do usuário no Feed de notícias desse perfil (PEIXOTO, 2018).

3.5 OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NO FACEBOOK ASUGOV GV

As produções relativas à linguagem no status deste perfil, postadas pelos usuários, via de regra, foram por emojis⁷. O uso de emojis como forma de interação comunicacional no espaço digital Facebook Asugov GV, em contrapartida aos quase que inexistentes comentários e compartilhamentos, suscitaram-nos um olhar inquieto sob a perspectiva de realmente ser um meio comunicacional eficiente, a aproximar os sujeitos comunicantes. O registro quantitativo do uso destas imagens nas manifestações postadas no Facebook Asugov GV nos direcionou a analisá-las e compreendê-las

sob a perspectiva de ser um conteúdo imagético que permite a inferência de comunicações relativas às condições de produção/recepção da mensagem, através daquelas imagens, apontando para apropriações comunicacionais dos sujeitos. Aos pertencentes à Cultura Surda, infere-se que o uso deste recurso se dá por uma melhor afinidade e proximidade das Libras (visualidade), e a emissão através da imagem do emoji, como representativo do significado de uma palavra ou frase inteira. Esta ocorrência não está a dizer que haja uma desconexão entre escrita e oralidade, mas sim conexão entre a escrita e a externização comunicacional de um pensamento aos pertencentes da Cultura Surda, pelo fato de a surdez intimamente correlacionar-se com o aspecto visual da escrita como uma alternativa semiótica e que por vezes é “subestimada no seu valor semiótico e na sua função como instrumento mediador de aprendizagem” (REILY, 2003, p. 164).

De sobremaneira, naquelas postagens observadas, registramos um uso considerável de emojis correspondentes à denominação “curtir”; à imagem do coração “love”; à expressão facial “uau”. Sobre estes, pode-se afirmar, que lexicalmente, “curtir”, “amar”, “uau” são palavras / expressões indicativas de um ato, de vontade, individual, via de regra, das afeições em geral, correlacionadas pressupostamente, como táticas de negociação de identidades manifestadas por meio das opiniões postadas (ROSA;

7-No estilo comunicacional semiótico, Emoji é palavra de origem japonesa, composta pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra), considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. Devido às constantes modificações e progresso nos emojis e simbologias as quais representam bem como a possibilidade ampla de comunicação/ transmissão através de uma imagem, a ideia de uma palavra ou frase inteira, os cidadãos pertencentes à Cultura Surda, via de regra, utilizam os emojis nas postagens nas redes sociais às quais possam pertencer como condição bilíngue – bicultural (PORTAL DO SURDO, 2010).

SANTOS, 2013). A atenção com a comunicabilidade dessas palavras é que estão nucleadas no sentido de concordar, aprovando o conteúdo significativo através da postagem. Após essas observações, começamos uma construção do processo de geração de dados dos processos comunicacionais construídos nas postagens no perfil Asugov GV. O caminho percorrido para a geração de dados da pesquisa foi dinamizado em dois corpora: Corpus Social e o Corpus Discursivo. O Corpus Social da pesquisa foi pensado como conjunto finito de enunciados representativos de uma determinada estrutura, sendo o ator social observável, o perfil existente na rede social Facebook, perfil Asugov GV. O Corpus Discursivo foi pensado como conjunto de palavras, texto, imagens transformadas em discurso para significar eventos diferentes para a realização da interpretação derivada e ancorada aos eixos temáticos das publicações.

A Rede Social Facebook e, especificamente, o perfil Asugov GV são ambientes complexos. Nossa análise busca compreender, analisando as trajetórias comunicacionais dos sujeitos comunicantes surdos e suas apropriações do ambiente digital Facebook Asugov GV, verificando como a luta pelo reconhecimento realizada pelo perfil e associados lança mão de estratégias discursivas. Para tanto, necessário se fez compreender as postagens não como uma mera descrição de elementos técnicos, simples descrição de

dados, e sim como Recuero (2009) nos ensina, com uma visão agregada à funcionalidade da Rede:

[...] através de perfis e comunidades. Em cada perfil é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc.). O sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites de Redes Sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros (RECUERO, 2009, p. 169).

4- REFLEXÕES TRANSITÓRIAS

Os escritos apresentados encontram-se entrelaçados à trajetória de uma tese de doutoramento, em construção, marcada por desafios que dialogam transdisciplinarmente com questões teóricas do campo comunicacional. O presente estudo, ao interrogar como se dá a inter-relação entre os usos e apropriações de um meio tecnológico - especificamente através da rede social Facebook - pensados como processo comunicacional, em suas nuances culturais, processos históricos, políticos e tecnológicos, na perspectiva da cidadania comunicativa por sujeitos comunicantes surdos, almeja compreender cidadania verticalizada no direito de comunicar. Cidadania cujo caminhar histórico atrela-se em primeiro momento aos velhos e novos códigos construtores da representação sobre a surdez. Contudo, ultrapassa e caminha a erigir-se nas mídias digitais, em suas práticas relacionais sociais estabelecidas no espaço virtual. Novos tempos, civilidades, novos cidadãos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Nº 3.071, de 1º De Janeiro de 1916. **Código Civil dos Estados Unidos do Brasil**, 1916. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm Acesso em 06 ago. 2019.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a **Língua Brasileira de Sinais - Libras**. 2005.

BRASIL. **Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000** - Art. 18. Brasília, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm. Acesso em: 06 ago. 2021.

BONIN, J. A; SAGGIN, L. Reflexões teóricas para pensar as relações entre mídias, identidades culturais, movimentos sociais e cidadania. **Lumina – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**. Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF - v.10, n.1, abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina>. Acesso em 24 abr. 2019.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede: Do conhecimento à ação política**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. CASTELLS M. **O Poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra. 2015.

CLÁUDIO, J. P. **A cultura dos sujeitos comunicantes surdos**: construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no facebook. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, 2016. 139 p. Orientação: Prof. Dr. Alberto efendy Maldonado Gómez de la Torre. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6044/Jana%C3%ADna+Pereira+Claudio.pdf?sequence=1> Acesso em: out. de 2018.

CORTINA, A. **Cidadãos do mundo para uma teoria da cidadania**. São paulo: Edições Loyola, 2005.

DUARTE, F.; QUANT, Carlos; SOUZA, Queila. **O Tempo das Redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008. ISBN 978-85-273-08II-3. 259 páginas.

FAUSTO NETO, A. Mídiação, prática social – prática de sentido. In: PROSUL, Encontro da Rede. **Comunicação, Sociedade e Sentido**. São Leopoldo: Unisinos, 2005/2006. pdf. Acesso em: 02 set. 2019. http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf. Acesso em: 02 set. 2019.

FENEIS. **Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Federa%C3%A7%C3%A3o_Nacional_de_Educa%C3%A7%C3%A3o_e_Integra%C3%A7%C3%A3o_dos_Surdos. Acesso em 02 de setembro de 2019.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&cod-mun=312770&search=minas-gerais|governador-valadares>. Acesso em: 12 fev. 2019.

INES. **O INES e a educação dos surdos no Brasil**: Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de educação dos Surdos em seu percurso de 150 anos. Rio de Janeiro: INES, 2007 V. 01.

LOPES, A. M. D. Multiculturalismo, minorias e ações afirmativas: promovendo a participação política das mulheres. **Revista Pensar**, vol. 11, pp. 54-59, Fortaleza, fevereiro de 2006.

MALDONADO, A. E. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino- americana de transformação civilizadora. In: BONIN, J. A. ; ROSÁRIO, N.M. (Orgs.) **Processualidades metodológicas**: configurações transformadoras em Comunicação. Florianópolis: Insular, 2013.

MATA, M. C. Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras**: estudos midiáticos, São Leopoldo: Unisinos, v.8, n. 1, p. 5-15, jan/abr. 2006.

MATTELART, A. **A Invenção da Comunicação**. Tradução: Maria Carvalho. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. ISBN – 972-8245-99-8 PEIXOTO, S. G. D. **As bibliotecas e as mídias sociais**: o uso do Facebook pelas bibliotecas das Universidades Federais Brasileiras. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Universidade Federal

de Goiás, 2018. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andréa Pereira dos Santos. Goiânia-GO 2018. 299 p. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8829#:~:text=TEDE%3A%20As%20bibliotecas%20e%20as,bibliotecas%20das%20universidades%20federais%20brasileiras&text=Resumo%3A,pr%C3%A1ticas%20e%20tamb%C3%A9m%20novas%20exig%C3%Aancias>. Acesso em: maio 2020.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

REILY, L. H. As Imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z.M. (Orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem**: desafios e realidades. São Paulo: Plexus editora, 2003.

ROCHA, S. M. **Antíteses, Díades, Dicotomias no Jogo entre Memória e Apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos**: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961) - Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO. Orientadora: Dr^a Ana Waleska Pollo Campos Mendonça - <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.13970>; 2009.

ROSA, G. A. M. ; SANTOS, B. R. **FACEBOOK (E as nossas identidades virtuais)**. Brasília: Thesaurus, 2013. ISBN: 978-85-409-0161-2. 200p.

RUSCHEINSKY, A. **Metamorfoses da Cidadania. Sujeitos Sociais, Cultura política e Institucionalidades**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2000. 284 p. ISBN 85-7431-041-X

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão (Análise psicossocial e ética da desigualdade social)**. Editora Vozes. 2001. ISBN 85.326.2261-5. 156p.